
COMO FICA A PASTORAL PROTESTANTE DEPOIS DO NEO-PENTECOSTALISMO?

HOW IS THE PROTESTANT MINISTRY AFTER NEOPENTECOSTALISM?

Jansen Racco Botelho de Melo*

RESUMO

A maior representação protestante no Brasil é o movimento pentecostal. O movimento pentecostal surgiu nos Estados Unidos no início do século XX e logo na primeira década do século passado chegou ao Brasil e chegou para ficar, logo se expandiu entre a população principalmente entre o povo mais simples que desde cedo se identificou com a proposta de pastoral, com o cuidado pastoral próximo, com a estrutura eclesial simples e flexível e com a espontaneidade na espiritualidade. Porém no início da década de 70 surgiu o Neo-pentecostalismo, o filho mais novo e brasileiro do movimento pentecostal e as coisas mudaram muito, sobretudo para a pastoral. No Neo-Pentecostalismo, ser pastor é diferente, está ligado ao sucesso e principalmente aos números! Aos poucos o cuidado existente até então vai sendo substituído pela gestão empresarial e esta nova tônica que tem se expandido assustadoramente pelo país tem imposto sérios desafios para a pastoral protestante.

PALAVRAS-CHAVE

Pastoral, Neo-Pentecostalismo, Prosperidade, Protestantismo.

ABSTRACT

The largest Protestant representation in Brazil's Pentecostal movement. The Pentecostal movement emerged in the United States in the early twentieth century and at the first decade of the last century came to Brazil and here to stay, soon expanded among the population especially among the simple people who early identified with the proposed pastoral with the pastoral care nearby, with simple and flexible ecclesiastical structure and spontaneity in spirituality. But in the early 70s, the Neo-Pentecostalism emerged, and the youngest son of Brazilian Pentecostal movement and things have changed a lot, especially for the pastoral. In Neo-Pentecostalism, being a pastor is different, is linked to success and especially to the numbers! Gradually the existing care until then will be replaced by this new business management and tonic that has expanded alarmingly by country has imposed serious challenges for the Protestant ministry.

KEYWORDS

Ministry, Neopentecostalism, Prosperity, Protestantism

* Doutorando e Mestre em Teologia com concentração em Sistemático-Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).
E-mail: jansenracco@hotmail.com

1 HISTÓRICO

O protestantismo brasileiro é principalmente representado pelas igrejas de linha pentecostal, especialmente da Igreja Evangélica Assembléia de Deus, que é a maior denominação protestante do Brasil, com mais de doze milhões de adeptos¹.

Em 2011 o pentecostalismo completou seu primeiro centenário de presença em solo brasileiro e ainda hoje continua sendo um tema muito discutido por psicólogos, sociólogos e principalmente por teólogos das mais diferentes linhas. Nestes poucos mais de cem anos, o pentecostalismo brasileiro tem feito um notável trabalho de inclusão das pessoas mais simples ainda que do ponto de vista teológico seja necessário uma série de ressalvas.

Encontramos os antecedentes do Movimento Pentecostal no pregador e avivalista inglês John Wesley (1703 – 1791), este era um ministro da Igreja Anglicana e depois de ter vivido uma experiência mística pessoal quando disse ter sentido o seu coração *estranhamente aquecido* passou a pregar sobre a necessidade que todo aquele que cria em Jesus tinha de ter uma experiência pessoal com o salvador².

Wesley elaborou o chamado *Quadrilátero Wesleyano*, onde resumia os principais pontos de sua teologia em quatro critérios: a razão, a escrituras, a tradição e, influenciado pelo filósofo inglês John Locke (1632 – 1704), a experiência. Para Wesley a primeira grande experiência era a de salvação, a segunda era a experiência da santificação e a terceira experiência era a do batismo no Espírito Santo, uma experiência de revestimento de poder e de avivamento espiritual, essa experiência dotava o crente em Jesus de uma capacidade especial para pregar o Evangelho e conduzir pessoas a uma experiência de salvação com Cristo.

John Wesley foi o fundador do Movimento Metodista que saiu da Inglaterra rumo aos Estados Unidos. Na América, o metodismo foi reinterpretado e misturado ao ambiente cultural da região e pouco depois surgiu o Movimento Holiness³. Já neste momento, as três grandes experiências de Wesley sofrem alterações e a chamada *segunda benção* passa a ser o batismo no Espírito Santo e a santificação já não tem mais a mesma importância que Wesley havia dado.

¹ De acordo com o IBGE do Censo de 2010.

² CAIRNS, Earle E. *O Cristianismo Através dos Séculos, Uma História da Igreja Cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 239.

³ Movimento Holiness é o movimento de santificação surgido nos EUA a partir do Metodismo.

Nos Estados Unidos, um pregador metodista chamado Charles Fox (1873 – 1929) fundou o Instituto Bíblico do Kansas, era um seminário de teor pietista que valorizava experiências místicas. Um fato muito interessante aconteceu no Instituto no reveillon de 1900, uma aluna chamada Agnes Ozman (1870 – 1937) viveu a experiência do batismo no Espírito Santo, falando em línguas estranhas, o que passa a ser conhecido como a *glossolalia*, experiência muito comum no meio pentecostal e, se sentiu vocacionada por Deus para pregar o Evangelho em outros países. A partir de Agnes Ozman, outros alunos do Instituto viveram a mesma experiência e o dom de falar em línguas estranhas desde cedo se consolidou como uma experiência muito valorizada, sendo considerada pelos pentecostais clássicos como uma evidência do batismo no Espírito Santo.

O Movimento Pentecostal se formaliza e se expande com a adesão de William Seymour (1870 – 1922), este era filho de escravos, negro e simples e por conta disso, tinha de assistir as aulas do Instituto Bíblico de Houston do lado de fora da sala. Numa oportunidade, Seymour foi convidado a pregar numa Igreja Batista em Los Angeles e numa das noites que esteve naquela igreja, teve uma forte experiência espiritual sendo batizado pelo Espírito Santo e falando em línguas estranhas. Assim o movimento começou a ganhar muita popularidade e em 1906, as reuniões começam a acontecer na lendária Rua Azuza.

A Rua Azuza em Los Angeles é considerada o local de fundação histórico do pentecostalismo, por ali estima-se que tenha passado mais de treze mil pessoas durante três anos. É interessante notar que o movimento pentecostal em seu início foi muito inclusivo, pois negros e brancos, homens e mulheres participavam igualmente dos trabalhos do grupo. Porém, o movimento da Rua Azuza durou pouco, e devido ao excesso de críticas que vinha sofrendo dos meios de comunicação, por disputas acirradas de poder internamente, por deficiências teológicas e outros problemas, o movimento se desfez em 1909.

Neste pequeno histórico podemos perceber características positivas e negativas que acompanham o pentecostalismo desde o seu início: sempre foi um movimento onde as barreiras sociais, raciais e sexuais eram mais brandas, um movimento que valorizava as experiências pessoais com Deus, além de ser uma

estrutura eclesial simples e uma liturgia flexível. O movimento pentecostal foi uma reação à marginalidade social e a institucionalização da religiosidade⁴.

2 O PENTECOSTALISMO CHEGA AO BRASIL

Quase que simultaneamente ao fim do movimento da Rua Azuza, o pentecostalismo chegou ao Brasil. Em princípio veio o missionário italiano Louis Francescon (1866 – 1964) que chegou a uma Igreja Batista no interior de São Paulo em 1910 e, logo depois fundou a Congregação Cristã do Brasil, que até hoje é considerada uma das denominações protestantes mais fechadas do país. A CCB não teve um crescimento muito expressivo, pois durante vários anos ficou restrita a imigrantes italianos.

Em 1911, os suecos Gunnar Vingren (1879 – 1933) e Daniel Berg (1884 – 1963) chegaram a Belém do Pará, os missionários foram recebidos numa Igreja Batista local que era liderada por um pastor que também era sueco. Na cidade paraense surgiu a Igreja Assembléia de Deus do Brasil, que diferentemente da Congregação Cristã do Brasil, cresceu muito desde cedo, especialmente entre as pessoas mais simples.

O período de entre 1910 e 1950 é considerado a *Primeira Onda* ou o *Pentecostalismo Clássico*, as denominações deste período são a Congregação Cristã do Brasil e a Assembléia de Deus, estas reproduziram a tipologia norte-americana⁵, inclusive em relação às roupas, sendo obrigatório para os homens usarem sobretudos, roupas tipicamente usadas em lugares frios como nos Estados Unidos, que possui um clima muito diferente de Belém do Pará, por exemplo. Os pentecostais clássicos tiveram (e ainda têm) muita dificuldade de separar a fé cristã de suas expressões particulares de fé, por isso, são tão facilmente chamados de *fundamentalistas*.

A *Segunda onda*, é o período entre 1950 e 1970, é um período de transição entre o pentecostalismo clássico e o neo-pentecostalismo. Neste período histórico percebe-se uma discreta abertura em relação ao período anterior, como por

⁴ MENDONÇA, Antonio Gouveia de, FILHO, Prócoro Velasques. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Editora Loyola, 1990, p. 238.

⁵ MARIANO, Ricardo. *Neo-Pentecostais – Sociologia do novo Pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Editora Loyola, 4ed, 1999, p.24.

exemplo, o uso de meios de comunicação para a difusão da mensagem cristã, especialmente rádio e jornais, uma vez que para muitos, a televisão era considerada como algo diabólico.

Na segunda onda embora permanecesse o profundo dualismo clássico, a ênfase passou para as curas miraculosas e os exorcismos e, o movimento passa a ser mais plural na quantidade de denominações, surgem a Igreja do Evangelho Quadrangular em 1951, trazida pelo missionário Harold Willians (1913 – 2002), a Igreja Pentecostal o Brasil para Cristo em 1955, do missionário Manoel de Melo (1929 – 1990), a Igreja Pentecostal Deus é Amor de 1962, do missionário David Miranda (1936 -), a Igreja Casa da Bênção de 1964, fundada pelo pastor Doriel de Oliveira, já como uma cisão da Igreja o Brasil para Cristo e a Igreja Metodista Wesleyana de 1967 ramo metodista pentecostal. Estas últimas igrejas citadas já são tipicamente brasileiras, à exceção da Igreja do Evangelho Quadrangular.

Mas é a Igreja Pentecostal de Nova Vida, fundada em 1960 pelo missionário canadense Robert Mcalister (1931 – 1993) que merece maior destaque neste segundo período do pentecostalismo brasileiro. Muitos consideram esta a igreja que dá início histórico ao Movimento Neo—Pentecostal, embora teologicamente o Bispo Mcalister não concordasse com os ideais tão marcadamente neo-pentecostais⁶, mas, pela transição que esta denominação representou, pois, deixou de ser restrita às camadas pobres da população e buscou alcançar a classe média, usando para isso os meios televisivos.

Na Igreja de Nova Vida do Bispo Mcalister, havia dois membros que futuramente ficariam muito famosos: Edir Bezerra Macedo (Bispo Macedo/1945 -) e Romildo Ribeiro Soares (Missionário RR Soares/1947 -) que se desligaram da antiga denominação para fundarem respectivamente as igrejas Universal do Reino de Deus em 1977 e a Internacional da Graça de Deus em 1980, estas são as denominações que mais representam o pensamento neo-pentecostal. A partir de 1970 é considerado por estudiosos o início da *Terceira Onda Pentecostal*.

O Neo-Pentecostalismo também é eclético, nem todas as denominações pensam exatamente iguais, podemos classificar as denominações neo-pentecostais em pelo menos dois grupos: o primeiro é o da *escola universal*, caracterizado pelas

⁶ MCALISTER, Walter. *Neopentecostalismo – A História Não Contada*. Rio de Janeiro: Anno Domini, 2012, p. 39.

correntes de oração, campanhas de prosperidade, guerra ao diabo e por um forte sincretismo religioso, este grupo é representado pela Igreja Universal, Igreja da Graça e pela recém-criada Igreja Mundial do Poder de Deus, do apóstolo Valdemiro Santiago (1963 -), dissidente da IURD.

O segundo grupo é o que chamamos de *espiritualistas evangélicos*, um grupo que abraçou de corpo e alma o movimento de música gospel norte-americanos e que transformou os louvores numa verdadeira terapia emocional, com as chamadas ministrações que são repetições exageradas de músicas ou parte delas para que as pessoas sejam envolvidas emocionalmente no que está sendo cantado, ou repetido. Esse segundo grupo tem a sua ênfase no emocional, em cultos dessa linha os períodos de louvores chegam a durar mais de uma hora, além de valorizarem as campanhas de cura interior, quebra de maldição e de transformar os pastores e apóstolos em verdadeiros *gurus* que dão proteção espiritual ao seu rebanho e, qualquer um que os contrariar fica desprotegido e sai de debaixo da *cobertura espiritual*. Mas, havia algo de comum entre os dois grupos neo-pentecostais: a Teologia da Prosperidade. Esse segundo grupo é representado pela Igreja Sara Nossa Terra (1976) fundada por Robson Rodovalho (1955 -), pela Igreja Renascer em Cristo (1986) fundada pelo casal Estevam Hernandez (1954 -) e Sônia Hernandez (1958 -) e por várias comunidades evangélicas independentes.

3 A PASTORAL PENTECOSTAL DA PRIMEIRA E SEGUNDA ONDAS

Devemos ter em mente que embora o período classificado com o da Terceira Onda ou do Neo-Pentecostalismo comece a partir de 1970, não quer dizer que de lá para cá este seja o único modelo de pentecostalismo brasileiro. Ainda hoje as denominações tipicamente da Primeira e Segunda Ondas permanecem basicamente com suas características próprias, típicas de suas épocas.

Na pastoral, o Movimento Pentecostal era caracterizado por um acompanhamento mais próximo por parte dos pastores e líderes em geral, até porque o movimento era basicamente composto por pequenas comunidades (salvo algumas exceções), as igrejas pentecostais tinham uma média de cem pessoas, às vezes menos, e quase todas essas pessoas moravam no próprio bairro onde a igreja ficava localizada. O próprio pastor era, na maioria dos casos, um dos moradores locais, costumava ser uma pessoa simples, sem muito estudo, era um leigo no qual

a própria comunidade reconhecia uma vocação de Deus para cuidar do rebanho instruindo-lhe no ensino bíblico e visitando os membros de casa em casa.

As igrejas localizadas em bairros não eram templos religiosos, mas, casas ou garagens improvisadas, o ar de simplicidade gerava nas pessoas uma forte identificação com o trabalho, pois sentiam que a igreja era uma extensão de suas próprias casas e vice-versa, assim as pessoas criavam uma afinidade com a igreja e se sentiam parte da mesma, eram corresponsáveis pela igreja e pelo trabalho pastoral, pois todos os membros ajudavam no cuidado do local de culto e principalmente, cuidavam umas das outras.

As igrejas pentecostais eram presentes dos lugares mais distantes e pobres das cidades e trazia esperança e consolo para pessoas que levavam uma vida tão sofrida e que eram desprezadas pelo poder público. Nas comunidades pentecostais ter estudo e posição financeira não eram muito relevantes, cada pessoa era tratada como indivíduo e era encorajada a ter suas próprias experiências pessoais de fé e, cada uma dessas experiências era valorizadas por todos os membros.

Cada pessoa ouvia dizer que fora chamada por Deus para cooperar com a Sua obra e que eram partes importantes do Corpo de Cristo, desta forma, as pessoas contribuíam com dízimos e ofertas de modo completamente voluntário, não se sentiam espiritualmente obrigadas a fazê-lo mas, davam porque amavam a igreja que tanto lhes fazia bem. As pessoas não eram apenas frequentadoras dos cultos mas, eram membros da igreja, tinham fichas cadastrais e eram publicamente recebidas como membros de determinada comunidade, essa recepção era solene e cada indivíduo sentia um profundo sentimento de pertença, o que lhes proporcionavam um bem estar por se sentirem valorizadas. As igrejas eram verdadeiras cidades refúgio onde as pessoas mais simples encontravam amor, cuidado e esperança para uma vida mais digna e, principalmente, era o lugar onde se encontravam com Deus.

A pastoral pentecostal, via de regra, sempre foi inclusiva, as pessoas trabalhavam no ministério independente de sua posição social e de seu grau de instrução formal, é um movimento que desde o início na Rua Azuza, lutou para superar as barreiras raciais, onde negros e brancos tinham o mesmo espaço, onde mulheres eram parte fundamental do dia-dia da comunidade, onde havia lugar inclusive para jovens, adolescentes e crianças.

O pentecostalismo valorizava as experiências espirituais, a maior delas era o batismo no espírito Santo evidenciado pelo falar em línguas estranhas, que era entendido como um dom dado por Deus para auto-edificação do crente. Porém, embora o dom de línguas fosse o mais valorizado, não era o único, a profecia também tinha uma grande importância no meio pentecostal, muitas vezes era recebida como um *oráculo de Deus*, também se buscava os demais dons, como o de curar, de discernimento de espíritos, de interpretação de línguas estranhas e as manifestações espirituais como sonhos proféticos, visões e revelações⁷.

Mas, é claro que a pastoral do pentecostalismo não era perfeita (e qual seria?), o pentecostalismo merece várias ressalvas importantes. Desde cedo o movimento exacerbava o dualismo entre Igreja x Mundo, Crente x Ímpio, Material x Espiritual. Esse dualismo era tão forte que se refletia numa profunda aversão à cultura, como livros e músicas não religiosos, que eram considerados *mundanos* e, portanto, pecaminosos.

Além disso, as mulheres sofreram bastante com os chamados *usos e costumes*, onde não podiam usar qualquer tipo de calça comprida, apenas saias, não podiam se maquiar, ou arrumar os cabelos, ou usar joias e adornos, pois, tudo isso era visto como algo que chamava a atenção de homens e despertava a luxúria que deveria ser combatida. Os homens por sua vez só podiam usar camisas de mangas longas e calças compridas, nos cultos tinham de trajar ternos e eram praticamente proibidos de praticarem esportes e de irem à praia, por exemplo. Todas essas exigências trouxeram para o pentecostalismo um peso muito grande, pois num país tropical como o Brasil, com um clima quente, cultura esportiva muito presente e com tamanha variedade musical, era um verdadeiro peso viver o ascetismo proposto pelo pentecostalismo.

Os pentecostais aderiram à teologia arminiana, que enfatizava o livre-arbítrio e a escolha do homem na salvação. Também eram literalistas na leitura bíblica, o que fez do movimento essencialmente fundamentalista, isto se deveu principalmente pelo excesso de líderes sem instrução e pela constante rejeição em se abrir para a teologia, que ainda hoje é muito deficitária no meio pentecostal. Por

⁷ MARIANO, Ricardo. *Neo-Pentecostais – Sociologia do novo Pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Editora Loyola, 4ed, 1999, p.26.

ser fundamentalista, o movimento pentecostal brasileiro sempre foi anti-católico⁸ e mesmo entre os protestantes, tinham dificuldades de relacionamento com os considerados *tradicionais*, como batistas, presbiterianos, metodistas.

No pentecostalismo a missão era altamente *conversionistas*, num discurso dualista de que o papel principal da igreja era de *ganhar almas*. Mais, neste caso e em outros não havia clara intenção de distorção teológica ou mesmo bíblica, havia uma verdadeira dificuldade de interpretação e o que eles acreditavam ser *paixão pelas almas* que se perdiam sem conhecer Jesus.

4 PROCESSO DE MUDANÇA DA PASTORAL PENTECOSTAL

Os primeiros líderes neo-pentecostais perceberam algo bem interessante: no movimento pentecostal havia uma liberdade na espiritualidade que atraía muitas pessoas interessadas numa experiência com Deus, o valor dado aos dons espirituais e aos exorcismos e curas divinas também atraía muitas pessoas sofredas, tudo isso era visto como positivo, mas tinha algo que não era positivo: o excesso de rigor em relação aos usos e costumes. Percebeu-se que uma religião com a mesma liberdade espiritual e a mesma busca por dons do Espírito acompanhados de curas e libertações mas, num ambiente sem exigências moralistas seria um grande chamariz, pois manteria o que havia de bom e corrigiria o que era tido como um peso.

Além disso, os neo-pentecostais usaram como ninguém o contexto político-social do Brasil e do movimento pentecostal, composto em maioria de pessoas pobres e sem instrução. O Neo-pentecostalismo percebeu que aquele povo iria gostar muito de saber que Deus tinha o interesse em fazê-los prósperos, mas, naquele contexto específico a única maneira de alcançarem a prosperidade seria de modo sobrenatural. Com isso, a principal bandeira das primeiras igrejas neo-pentecostais foi a campanha de prosperidade financeira que desde cedo atraiu grandes multidões, a isso soma-se as campanhas de curas miraculosas feitas para pessoas que sofrem e que tem pouco ou nenhum acesso à saúde pública, até hoje, esse binômio prosperidade/cura tem movido verdadeiras multidões.

⁸ Ibid., p. 29.

O Neo-pentecostalismo começa a se deslocar e sair dos bairros para os grandes centros e a deixar as casinhas improvisadas para alugar enormes galpões. A questão é que o movimento neo-pentecostal não ficou restrito às igrejas que o representam, mas, tem gerado muita influência em vários meios protestantes principalmente nos meios pentecostais.

O Pentecostalismo da Primeira e Segunda Ondas, que em princípio, nada tinham a ver com o neo-pentecostalismo, tem demonstrado uma capacidade de se *neo-pentecostalizar*. Os pastores de comunidades simples e pequenas começam a ver outros pastores saindo do anonimato e das pequenas comunidades para abrir e encher grandes espaços, suas igrejas estão cada vez mais cheias e arrecadando mais e, tudo isso passa a ser visto como *benção de Deus*, como sinal da aprovação de Deus àqueles ministérios, desta forma, os pastores pentecostais querem aprender com os outros qual é o segredo de tamanho sucesso e, o que eles estão fazendo para Deus abençoar tanto! É neste momento em que várias práticas neo-pentecostais, especialmente da Teologia da Prosperidade começam a ser importados sem o menor pudor.

5 A PASTORAL NEO-PENTECOSTAL.

A principal característica do neo-pentecostalismo é a chamada Teologia da Prosperidade, um ideal importado dos Estados Unidos e que tem feito história no Brasil. Esta corrente parte do pressuposto de que se Deus é Todo-Poderoso isso tem que necessariamente se manifestar na vida daqueles que o servem, é a chamada materialização da fé.

A Teologia da Prosperidade é aliada ao movimento de Confissão Positiva⁹, iniciado nos Estados Unidos por Kenneth Hagin (1917 – 2003) que está sempre presente no neo-pentecostalismo. A confissão positiva baseia-se na ideia de que Jesus levou na cruz as nossas enfermidades e portanto, devemos crer no que Ele fez e *tomarmos posse da benção*, que se dá através da confissão triunfalista em não aceitar a doença ou a miséria e à expressões como: determinar, exigir, decretar a benção de Deus sobre sua própria vida. Deus neste contexto é visto como o servo do ser humano, pois se tornou obrigado a dar todas as bênçãos que os homens

⁹ Ibid., p. 151.

pedem em nome de Jesus e, se o homem tem o direito de exigir alguma bênção de Deus, logo a dinâmica não dá mais espaço para a graça divina e passa a descansar sobre o mérito humano, assim o homem passa a ser o senhor e Deus o servo.

Neste movimento para se obter a bênção da prosperidade a maneira que o fiel tem para exercitar a fé e vê-la manifestar-se em sua vida é através do dinheiro, assim sendo, os dízimos e as ofertas não são mais vistos como voluntários, mas, como obrigatórios e como condição para desfrutarem das bênçãos de Deus em suas vidas, o conteúdo do evangelho passa a ser desprezado ou pelo menos distorcido e a fé num ídolo chamado de Deus passa a ser vendida e oferecida como se fosse qualquer produto que compramos em alguma loja¹⁰.

Na pastoral neo-pentecostal é comum Deus ser oferecido como um produto, pois, a visão do pastor foi radicalmente alterada em relação ao pentecostalismo, agora o mesmo é visto como um *animador de plateia*, que tem o dever de mexer com os ânimos de sua audiência e de encher templos, tendo inclusive metas financeiras para bater no fim do mês. O pastor deixou de ser visto como aquele que cuidava do rebanho para ser um *prestador de serviços religiosos*, numa prática em que os fiéis vão para as igrejas para ouvir o que Deus pode fazer por eles e não o contrário.

Os pastores perderam a tarefa de discipular, visitar e ensinar ao rebanho, até porque isso é lento e muito individualizado, o que tomaria muito tempo de uma pessoa que agora está envolvida em encher os templos e arrecadar cada vez mais, pois o crescimento da comunidade é agora mensurado do ponto de vista numérico. Hoje o parâmetro usado por muitos para medir se um trabalho tem crescido ou não é apenas o numérico, se tem muita gente ou se arrecada muito é sinal de que Deus está abençoando e que o trabalho está prosperando, as preocupações com o cuidado do indivíduo deixam de ser prioridade.

As igrejas não são mais garagens ou casas improvisadas, mas, agora são luxuosos templos posicionados em lugares estratégicos, que facilite a maior movimentação de pessoas. A igreja agora passa a ser gerida empresarialmente e o pastor passa a ser o gestor neste processo, assim as estratégias para a pastoral não

¹⁰ GONDIM, Ricardo. *O que os Evangélicos não falam*. Viçosa: Editora Ultimato, 2006, p. 47.

são mais determinadas pelo Espírito e sim pelas normas de mercado, o máximo de benefícios pelo menor preço possível¹¹.

Os membros das igrejas perderam esta nomenclatura, agora as pessoas entram e saem dos templos se sequer serem notadas, são vistas como *freguezas*, que vão a igreja apenas para se sentirem bem. O valor do indivíduo é dilacerado e o ser humano passa a ser *coisificado* porque o que importa agora são os números.

As pessoas perderam o sentimento tão comum no pentecostalismo de serem corresponsáveis pela igreja, elas vão até lá para serem servidas. Não existem mais exigências do ponto de vista doutrinário e nem moral, quanto menos regras, maior a facilidade de se acumular pessoas, as exigências são apenas em relação às ofertas e dízimos, e assim, quanto maior a oferta, maior a fé, quanto maior a fé maior o milagre que a pessoa receberá de Deus, o dinheiro é literalmente visto como moeda de troca.

Houve um grande distanciamento entre o altar e a igreja, entre o pastor e o rebanho. O pastor é visto como quem tem *super-poderes* para curar doenças e expulsar os *encostos*, responsáveis pela doença e pela miséria na vida do ser humano, a guerra contra o diabo é um dos trunfos desse tipo de pregação¹², porque ele é o causador dos sofrimentos humanos já que Deus garantiu todos os direitos na cruz.

Tudo isso tem gerado graves consequências entre as pessoas que frequentam igrejas dessas linhas, é incutido nas pessoas de que elas têm que ser bem sucedidas financeiramente e precisam ter saúde sempre, caso contrário, é sinal de algum pecado oculto ou falta de fé. Assim sendo, muitos tem tido graves crises existenciais por sentirem que Deus não as ama, e muitas outras tem desenvolvido uma espiritualidade doentia com Deus, se relacionando com um ídolo e não com o Deus de Jesus Cristo.

6 UMA ESPERANÇA

Por causa da influência do neo-pentecostalismo, a igreja protestante brasileira tem sofrido uma verdadeira crise de Laodicéia (cf. Ap 3,14-22), em referência ao

¹¹ Idib, p. 50

¹² OLIVA, Alfredo dos Santos. *A História do Diabo no Brasil*. São Paulo: Fonte Editorial, 2007, p. 197

livro do apocalipse de São João, é uma igreja rica, abastada, que não tem falta de nada e por isso, se orgulha! Se orgulha de seus imponentes números, de seu sucesso, a tal ponto de achar que não precisa mais do próprio Jesus, e este é retirado do ambiente da igreja por ela própria.

Uma igreja que se sente tão confiante em seus recursos que não percebe o sério problema que tem com água, suas águas são amargas e causam ânsia de vômitos nos peregrinos sedentos dessa vida que inadvertidamente tentam ingerir as suas águas. Essas águas nem são quentes, capazes de curar as doenças de má circulação e nem são frias, capazes de saciar a sede.

É necessário um urgente arrependimento e coragem na pastoral para que possamos romper com este evangelho mercadológico que tem sido oferecido pelas igrejas e nos voltarmos ao verdadeiro Evangelho de Jesus Cristo. É necessário coragem para rompermos com o modelo de crescimento numérico de igrejas, para que as pessoas voltem a ser tratadas como indivíduos, como seres humanos carentes do amor de Deus e da ação pastoral.

A imagem de Deus criada por muitos precisa ser quebrada e retirada dos nossos altares e nos voltarmos para a verdadeira imagem de Deus revelada por Jesus Cristo, o verdadeiro e único Senhor. Os pastores precisam deixar de serem vistos como homens de negócios e voltar a cuidar de *ovelhas*, encarnados com a sua realidade e propor uma igreja, que ainda que faltem os recursos materiais e numéricos, tenha água potável para matar a sede do cansado e sobrecarregado de nosso tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAIRNS, Earle E. *O Cristianismo Através dos Séculos, Uma História da Igreja Cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1995.

GONDIM, Ricardo. *O que os Evangélicos não falam*. Viçosa: Editora Ultimato, 2006.

MARIANO, Ricardo. *Neo-Pentecostais: Sociologia do novo Pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Editora Loyola, 4ed, 1999.

MCALISTER, Walter. *Neopentecostalismo – A História Não Contada*. Rio de Janeiro: Anno Domini, 2012.

MENDONÇA, Antonio Gouvea de, FILHO, Prócoro Velasques. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Editora Loyola, 1990.

OLIVA, Alfredo dos Santos. *A História do Diabo no Brasil*. São Paulo: Fonte Editorial, 2007.